

Um ano na vida do maior dos escritores

Livro do crítico e historiador americano James Shapiro mergulha em 1599, um momento decisivo para Shakespeare e a Inglaterra

Miguel Conde

• O crítico e historiador americano James Shapiro passou uma década pesquisando e escrevendo um livro sobre um ano da vida de um dramaturgo inglês morto há quase quatro séculos. Pareceria uma grande extravagância acadêmica, se o nome desse dramaturgo não fosse William Shakespeare. Em “1599: um ano na vida de William Shakespeare” (Planeta, tradução de Cordelia Magalhães e Marcelo Musa Cavallari), Shapiro cria em detalhes impressionantes um panorama de um momento decisivo para a Inglaterra e o escritor. De Nova York, onde dá aulas na Universidade de Columbia, Shapiro conversou por telefone com o GLOBO sobre a obra.

O GLOBO: Logo no início de seu livro o senhor menciona a persistência da crença de que não temos muitas informações a respeito de Shakespeare, e que mesmo sua existência seria duvidosa. É uma ideia falsa, não?

JAMES SHAPIRO: O tipo de coisa que as pessoas querem saber sobre Shakespeare, como que tipo de marido ele era, no que ele pensava ao escrever “Romeu e Julieta” ou “Hamlet”, que sentimentos experimentou em diferentes momentos de sua vida — todas essas coisas estão perdidas para nós. Não há registro delas. Em termos de sua vida profissional, no entanto, há uma quantidade enorme de informação. São dados que dizem onde ele estava, com quem colaborava, que peças escrevia em certos momentos. Isso, no entanto, não é o bastante para satisfazer as pessoas interessadas na história de um gênio literário que passa por várias turbulências para criar sua obra.

• Por que o senhor escolheu 1599 como o ano ao qual se dedicaria?

Coisas muito significativas para Shakespeare aconteceram em 1599. Uma delas, talvez a principal, foi a construção do Globe Theatre. Shakespeare se tornou um dos proprietários do teatro, algo que nunca havia sido, e enriqueceu com isso. A sociedade no Globe fazia com que houvesse um enorme interesse dele em garantir o sucesso do teatro. E nesse ano então ele veio com uma série de peças extraordinárias, “Henrique V”, “Júlio César” e “Como gostais”, culminando com o início da escrita de “Hamlet”, talvez a maior de suas peças.



Divulgação



SHAPIRO: no livro (acima), pesquisa sobre Shakespeare e a Londres de fins do século XVI (à direita)



• Shakespeare foi primeiro reconhecido como poeta, o senhor nota. O teatro, na época, era ainda considerado uma forma de arte menor?

Sim. Um sinal claro disso é que quando a Bodleian Library, em Oxford, começa a expandir seu acervo no século XVII, a instrução é recolher todo tipo de livro, menos coisas como peças de teatro e outras publicações “desimportantes”. As pessoas não pensavam no teatro como algo com valor literário. Era como as histórias em quadrinho são hoje. Muitas das peças da época de Shakespeare se perderam, e se não fosse pelos esforços de dois atores colegas seus, pelo menos metade das peças do próprio Shakespeare não teriam chegado a nós, entre elas “Macbeth”, “A tempestade” e “Júlio César”.

• Seu livro mais recente, “Contested Will” (trocadilho com “Will disputado”) e “Testamento disputado”, discute as teorias de que Shakespeare não seria o verdadeiro autor das peças de Shakespeare. Como o senhor vê essa discussão?

Ela diz muito mais a respeito de nós do que de Shakespeare. Pesquisando, descobri que essa ideia só aparece em 1850. Está diretamente ligada aos românticos alemães e à concepção romântica da obra de arte como expressão de experiências do artista. Daí a crença de que as peças de Shakespeare deveriam ter sido escritas por um nobre, não por um rapaz de uma cidadezinha qualquer. O problema é que há dez mil personagens nas peças de Shakespeare. Querer lê-las como autobiografia de alguém é como olhar para o céu e montar a constelação que você quiser. ■

• O senhor calcula que algo como um terço dos habitantes de Londres assistia a pelo menos uma peça de teatro por mês. O teatro obviamente era uma fonte importante de entretenimento, mas, mais do que isso, era também um meio fundamental na construção do modo como os ingleses entendiam a vida e a si próprios. O quão diretamente os eventos da época figuravam nas peças de Shakespeare e de seus contemporâneos?

A relação entre política e criação artística era muito delicada. Os dramaturgos, mesmo populares, dependiam de alguma conexão com a corte para garantir que seus teatros não seriam fechados de repente por causa de alguma intriga. Alguns contemporâneos de Shakespeare acabaram escrevendo grandes elogios ao Rei James, sucessor da Rainha Eli-

zabeth. Há obras de Ben Jonson que hoje são constrangedoras de se ler. Mas Ben Jonson precisava ganhar a vida... Shakespeare era muito habilidoso em tocar em questões importantes, que mexiam com sua audiência, sem que ficasse claro que posição ele estava tomando. “Macbeth” é uma história sobre um rei escocês que é assassinado, e até hoje os acadêmicos não conseguem decidir se é uma grande crítica ou um grande elogio ao Rei James. O mesmo com “Rei Lear”. O importante era que as peças de Shakespeare ajudavam seus espectadores a entender o mundo em que viviam.

• O senhor apresenta 1599 como um momento de transição da Inglaterra tradicional para a moderna, resumido em dois

eventos daquele ano: a ruína do Conde de Essex, após seu fracasso na guerra contra os irlandeses, e a fundação da Companhia das Índias Orientais. Como Shakespeare se situava entre esses dois mundos?

Em alguns sentidos, Shakespeare parece ter sido muito conservador. Ele sem dúvida se importava com o status conferido pelos títulos de nobreza, e lutou para conseguir para si mesmo e sua família uma posição social melhor. Ele viveu num momento em que a Inglaterra decidia se tornar um império colonial mundial, mandando navios para várias partes do mundo. Shakespeare simplesmente não parece interessado nisso. O dinheiro que ganha, ele investe na compra de terras em sua cidade natal, e não em alguma empreitada comercial.

CARTA

Embate na OSB

• Com relação à reportagem publicada sexta-feira no Segundo Caderno — para a qual a Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira não foi procurada para dar o seu depoimento — gostaria, como presidente da FOSB, de relatar que, no dia 24 de janeiro, uma correspondência assinada pela Comissão dos Músicos da OSB solicitava uma reunião com representantes da Fundação OSB para debater questões relacionadas às avaliações de desempenho individuais agendadas para março. No dia 18 de fevereiro, a reunião aconteceu na sede da OSB, com a minha presença e a de representantes dos músicos. Na ocasião, a Fundação OSB reiterou a obrigatoriedade do comparecimento às avaliações, que servirão como mais um meio para apurar o rendimento artístico e profissional de cada músico, juntamente com o processo avaliativo contínuo feito na nossa rotina de ensaios e espetáculos. A reunião foi encerrada com uma solicitação dos músicos para que o repertório fosse revisto — ca-

re destacar que as obras selecionadas foram tocadas pela OSB nas suas últimas temporadas. Uma reunião com a direção artística foi marcada para 21 de fevereiro, para que questões como essas fossem debatidas diretamente entre as partes.

No dia 21 de fevereiro, a Comissão dos Músicos nos comunicou que não haveria mais sentido discutir repertório ou nenhuma outra questão referente às avaliações, pois haviam decidido, em assembleia, que 56 dos 58 músicos presentes não a fariam — ainda assim, atendendo à reivindicação do dia 18, a direção artística fez a modificação no repertório inicial. Seguindo prerrogativa legal, os músicos foram advertidos por escrito de que o comparecimento à avaliação era obrigatório e que a recusa seria passível de punição.

No dia 3 de março, recebemos a visita de um membro do Sindicato dos Músicos e do presidente da Comissão de Músicos, que nos entregaram um ofício convidando a Fundação OSB a comparecer ao Ministério do Trabalho para uma mesa-redonda, em 10 de março. O objetivo

era discutir a avaliação de desempenho — embora os próprios músicos já tivessem encerrado o diálogo sobre o assunto. A FOSB colocou-se à disposição para retomar o diálogo, respondendo que, a despeito do curto espaço de tempo que teríamos para conciliar as agendas, envidaríamos nossos melhores esforços para estarmos presentes. Em nossa correspondência, a FOSB esclarece também que, independentemente da mesa-redonda, as avaliações estariam mantidas — correspondência que foi recebida e assinada pelo presidente da Comissão dos Músicos e pelo representante do sindicato.

Em 4 de março — um dia após a solicitação dessa mesa-redonda —, fomos surpreendidos com uma medida judicial movida pelo sindicato, com o objetivo de cancelar a avaliação. No entanto, o pedido foi liminarmente rejeitado, em primeira e segunda instâncias, o que reforça a legalidade do que vem sendo praticado pela Fundação OSB. Devido à exiguidade do prazo, a fundação solicitou a remarcação da data para a me-

sa-redonda, o que mais uma vez comprova que estamos abertos ao diálogo. No dia 10 de março, as avaliações de desempenho transcorreram normalmente, tendo comparecido seis dos 15 músicos agendados. Acreditamos que até o dia 18, quando terminam as avaliações, teremos contado com a adesão de um expressivo número de músicos, que, com certeza, estão olhando na mesma direção que a fundação. Oferecemos excelentes condições de trabalho e um aumento substancial na remuneração dos músicos, que vão receber entre R\$ 9.000 e R\$ 11.000 — há cinco anos, quando a atual direção artística assumiu, o piso era de R\$ 2.200 e os salários estavam atrasados. Graças ao empenho de todos, atraímos patrocinadores importantes, fazendo com que o orçamento da OSB saltasse de R\$ 6,4 milhões para R\$ 35 milhões e propiciando à orquestra uma vida financeira saudável, que vai nos permitir dar os próximos passos para que ela se projete internacionalmente.

Eleazar de Carvalho Filho, presidente da Fundação OSB

Europeus serão maioria na Bienal de Veneza, em junho

Brasil não está no programa geral de artistas e pode não participar das representações nacionais

A Bienal de Veneza, uma das mais importantes exposições de artes visuais do mundo, chega mais europeia à sua 54ª edição. Cerca de dois terços dos 82 artistas que participarão nasceram ou vivem e trabalham na Europa. Não há brasileiros no programa geral da bienal, que será realizada de 4 de junho a 27 de novembro, e cuja lista de participantes foi anunciada na sexta-feira pela curadora Bice Curiger, historiadora de arte e membro da equipe curatorial da Kunsthauus de Zurique. Com o título de “ILLUMInazioni”, a mostra terá 32 artistas nascidos depois de 1975, mas também nomes de peso, como Cindy Sherman, Sigmar Polke, James Turrell e Peter Fischli & David Weiss. Artistas como Norma Jean, Carol Bove e Christopher Wool criaram trabalhos especialmente para a bienal, cujo tema é inspirado na obra do pintor veneziano Jaco-

po Tintoretto (1518-1594).

Nas representações nacionais, o Brasil em princípio levará o artista plástico Artur Barrio, mas corre o risco de ficar fora. A escolha do artista é tradicionalmente dos curadores da Bienal de São Paulo do ano anterior, e os R\$ 400 mil para levar a obra de Barrio seriam pagos pela Funarte. Mas, como uma portaria do fim de 2010 proíbe vínculos do Ministério da Cultura com instituições privadas, como a Fundação Bienal, uma solução ainda está sendo buscada.

Apesar de ter diminuído o número de artistas no programa geral (foram 90 em 2009), a Bienal de Veneza aumentou as representações nacionais, de 77 para 87. Alguns países participaram pela primeira vez, como Arábia Saudita, Bangladesh e Haiti, e outros voltarão após ausências de décadas, como Índia, Congo, Iraque, África do Sul, Costa Rica e Cuba. ■